



TEMA

Gênero, Mudanças discursivas e Psicanálise

In: Trama, Revista de Psicossomática Psicanalítica. São Paulo: Sedes, n. 5 - 2023

Introdução

A palavra gênero[1] foi empregada na área médica nos anos 1950, para designar crianças que deveriam ser cirurgicamente "corrigidas" para sexo masculino ou feminino: as chamadas hermafroditas e, posteriormente, intersexuais.

Com a reavaliação atual dos discursos relativos aos atributos sociais de sexo e de gênero, tornou-se difícil pensar em uma identidade "primeira": a identidade de gênero é performativamente constituída, através da repetição de atos, gestos, signos e outras séries de elementos que, por sua vez, reforçam a construção dos corpos masculinos e femininos. Não existem "relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo": os caminhos identificatórios e as construções de gênero são independentes da anatomia (Butler, 1990, p. 38).

O sistema sexo/gênero vem sendo submetido a duras provas, levando-nos a repensar as modalidades de subjetivação e, por extensão, o binarismo de gênero (Bertini, 2009; Butler, 1993, 2003, 2004; Croix e Pommier, 2018; Sousa Filho, 2017; Fraisse, 1996; Laqueur, 1992).

O gênero é um *continuum* entre dois extremos performáticos - o "todo masculino" e o "todo feminino". Com base em sua história, cada sujeito situa-se na parte do *continuum* com a qual se identifica, de forma durável ou provisória.

Levar em conta a diferença anatômica é atribuir uma dimensão política ao discurso que daí decorre. Não há mais lugar para um discurso que anule a diferença, valorizando um sexo (o que possui, o que não é castrado) em detrimento do outro (o que



ano - Nº 5 - 2023

publicação: 25-11-2023



[voltar ao sumário](#)

Autor(es)

• **Paulo Roberto Ceccarelli**
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Psicólogo. Psicanalista. Doutor em Psicopatologia fundamental e Psicanálise - Universidade de Paris 7, Diderot. Pós-doutor - Universidade de Paris 7. Membro da Société de Psychanalyse Freudienne - Paris, França. Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Sócio fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA). Professor e orientador de pesquisas do Mestrado de Promo  o de Saúde e Preven  o da Violência/MP, da UFMG. Diretor científico da Clínica Ampliada de Saúde Mental (CASM). Fundador e coordenador do Instituto

não possui, o que é castrado), o que daria continuidade à desigualdade entre os sexos e entre os gêneros.

Todo esse movimento propiciou novas leituras de gênero, afetando diretamente o modelo heteronormativo e cisnormativo (Porchat, 2014).

Gênero na psicanálise

Nas primeiras páginas do primeiro dos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", Freud (1976 [1905]) nos fala sobre *Der populären Theorie des Geschlechtstriebes*, traduzido como "a teoria popular sobre pulsão sexual". Contudo, a palavra *Geschlecht* é também usada para falar de gênero.

O mesmo "problema de tradução" se observa no texto sobre o narcisismo. Um dos caminhos que Freud (1914) propõe para estudar o tema é *Das Liebeslebens der Geschlechter*. Essa passagem foi traduzida por Luiz Hans (Freud, 2004 [1914a], p. 103) como "a vida amorosa entre gêneros"; já na *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* ela está traduzida como "a vida erótica dos sexos" (Freud, 1976 [1914b], p. 98).

No texto de Freud de 1908, "Sobre as teorias sexuais infantis", somos convidados a nos despojar de nossa "existência corpórea" e, como "seres puramente pensantes" que chegassem à Terra, observar se nos chamaria a atenção a existência de dois seres, cuja distinção não levaria em conta a anatomia, isto é, a diferença sexual.

Para Freud (1976 [1908]), existiria uma classificação - que, atualmente, chamaríamos "de gênero" - anterior à percepção da diferença anatômica: o gênero viria primeiro, embora seja o sexo que o determine (Laplanche, 2006).

Mudanças discursivas

Como escutar os sujeitos que não se enquadram nos conceitos universais de sexo e de gênero (as identidades sexuais cis e trans, os sujeitos não binários, por exemplo), nem nas categorias de masculino e feminino?

Argumentar que existe algo inato no humano que faz coincidir as relações de sexo/gênero com as categorias sociais de homem e mulher seria o mesmo que tratar sujeitos não binários e os transexuais como perversos, ou psicóticos, pois escapariam à

Mineiro de Sexualidade (IMSEX).

E-mail: paulorc@mac.com

Homepage:

www.ceccarelli.psc.br

Notas

[1] Para outras reflexões sobre gênero, ver trabalhos previamente publicados: Ceccarelli, 2008; 2013a; 2013b; 2017; 2019; 2022; 2023a, 2023b.

Referências bibliográficas

BERTINI, M.-J. Ni d'Eve ni d'Adam - Défaire la différence des sexes. **Max Milo**, 2009.

BUTLER, J. **Gender trouble**. New York: Routledge, Chapman & Hall, 1990.

BUTLER, J. **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. New York: Routledge, 1993.

BUTLER, J. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004.

CECCARELLI, P. R. O corpo como estrangeiro. **IDE psicanálise e cultura**, São Paulo, v. 31, n. 47, p. 54-60, 2008.

CECCARELLI, P. R. O que as homossexualidades têm a dizer à psicanálise (e aos psicanalistas). **Revista Bagoas - Estudos Gays: gênero e sexualidades**, n. 8, p. 103-123, 2012.

CECCARELLI, P. R. **Transexualidades**. São

lógica fálica apresentada nas fórmulas de sexuação.

Considerando que masculinidade e feminilidade são "pontos de chegada e não de partida" (Freud, 1976 [1908]), tais conceitos são construções tributárias da história dos processos identificatórios e do lugar que o recém-nascido, candidato a sujeito, ocupa no desejo de quem lhe deu um "berço psíquico" (Ceccarelli, 2013a). Masculinidade e feminilidade são convenções sociais, resultado de processos complexos, sem predisposições instintuais herdadas (Freud, 2010 [1930]).

Sujeitos não binários, assim como os que possuem outras expressões identitárias, levaram-nos a revisar alguns dos pressupostos teórico-clínicos, para evitarmos modalidades de subjetivação que ditam o normal e o patológico, produzindo uma nova ordem repressiva (Ceccarelli; Levy, 2012).

Colocar a psicanálise como detentora de um saber que dita os caminhos "normais" de subjetivação equivale a transformá-la em um discurso fundamentalista.

Graças às mudanças discursivas trazidas pelos movimentos sociais, assistimos, no dia a dia da clínica, modalidades de subjetivação que traduzem novas possibilidades de alienação no desejo do Outro: sujeitos transgêneros, transexuais, assexuados, bissexuais, pansexuais, sujeitos não binários, homem com vagina, mulher com pênis e outros tantos.

Reflexões finais

Os movimentos sociais e as novas formas discursivas, que levam a uma nova ordem social, a "um novo paradigma" (Kuhn, 2006), ocorrem graças às mudanças na circulação dos afetos: a angústia é causa, e não consequência, dos movimentos sociais.

Quando o corpo se torna o lócus privilegiado de manifestações do *pathos*, o sofrimento, tal como observamos nos fenômenos psicossomáticos, merece especial atenção. A intersecção entre cultura, subjetividade e sofrimento não pode ser ignorada, sobretudo nas formas em que as doenças orgânicas se apresentam, no cotidiano da clínica, em sujeitos que não respondem às expectativas heteronormativas.

Por anos, algumas sociedades de psicanálise ouviram os sujeitos não binários, assim com os que apresentavam uma identidade trans, como portadores de algum "distúrbio do desenvolvimento". Ao mesmo tempo, esforçavam-se, obstinadamente, para "curar" pessoas "narcisicamente doentes",

Paulo: Casa do Psicólogo, 2013a.

CECCARELLI, P. R. Reflexões sobre a sexualidade masculina. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 35, n. 66, p. 83-92, 2013b.

CECCARELLI, P. R. Transexualidades e mudanças discursivas. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 47, p. 83-90, jul. 2017.

CECCARELLI, P. R. As leituras de gênero e suas repercussões nas organizações familiares. *In*: CECCARELLI, P. R. *et al.* **Psicanálise, sexualidade e gênero: um debate em construção**. São Paulo: Zagodoni, 2019. p. 17-28.

CECCARELLI, P. R. Psicanálise, cultura, gênero e clínica. *In*: KAMERS, M.; JORGE, M.-A. C.; MARIOTTO, R. M. (Orgs.). **Psicanálise, cultura & clínica**. Salvador: Ágalma, 2022. p. 199-213.

CECCARELLI, P. R. O que as categorias de gênero e as construções identitárias têm a dizer à psicanálise? **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 57, n. 1, p. 131-146, 2023.

CECCARELLI, P. R.; LEVY, E. A patologização da normalidade: rumo a uma nova ordem repressiva. *In*: LEMOS, F.; SILVA, A.; SANTOS, C.; SILVA, D.

as homoafetivas, além de impedi-las de fazer parte da sociedade psicanalítica em questão (Ceccarelli, 2012).

Se o quesito *gênero* não for abordado com seriedade, corremos o risco de provocar um equívoco de consequências não menos graves que as denunciadas por Freud nos "Três ensaios...", ao dizer o quanto a visão da sexualidade da época era "repleta de erros, imprecisões e conclusões apressadas" (Freud, 1976 [1905], p. 135). Se muitos psicanalistas têm fechado os olhos para este ponto, é hora de abri-los, pois o desejo inconsciente segue seu caminho

 [voltar ao topo](#)

 [voltar ao sumário](#)

(Orgs.). **Transversalizando no ensino, na pesquisa e na extensão**. Curitiba: Editora CRV, 2012. p. 427-440.

CROIX, L.; POMMIER, G. **Pour un regard neuf de la psychanalyse sur le genre et les parentalités**. Toulouse: Eres, 2018.

FRAISSE, G. **La différence des sexes**. Paris: PUF, 1996. FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. VII.

FREUD, S. (1908). Sobre as teorias sexuais infantis. *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. IX.

FREUD, S. (1914a). À guisa de introdução ao narcisismo. *In*: FREUD, S. (1911-1915). **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, S. (1914b). Sobre o narcisismo: uma introdução. *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIV.

FREUD, S. (1930). **O mal-estar na civilização**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

(Coleção L&PM Pocket).

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LAPLANCHE, J. El género, el sexo, lo sexual. **Revista Alter: El género en la teoría sexual**, Madrid, n. 2, Sept. 2006. Disponível em: <https://revistaalter.com/revista/genero-el-sexo-lo-sexual-2/937/>. Acesso em: nov. 2023.

LAQUEUR, T. **La fabrique du sexe**. Paris: Gallimard, 1992.

PORCHAT, P. **Psicanálise e transexualismo: Desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler**. Curitiba: Juruá, 2014.

SOUSA FILHO, A. de. **Tudo é construído! Tudo é revogável!**: A teoria construcionista crítica nas ciências humanas. São Paulo: Cortez, 2017.

 [voltar ao sumário](#)



| [NORMAS](#) |

| [EXPEDIENTE](#) |

| [ENVIE SEU ARTIGO](#) |

| [CONTATO](#)

| [APRESENTAÇÃO](#) |

| [ANTERIORES](#)

Copyright, 2019. trama, Revista de Psicossomática Psicanalítica